

O objeto em Winnicott

Object in Winnicott

Edson Soares Lannes^{*}

Resumo: O texto trata do lugar do objeto na obra de Winnicott mas vai além. Utilizando o estudo etimológico, como num caleidoscópio as palavras desenham o conceito de diversas formas e podemos acompanhá-lo na história da psicanálise e mais especificamente no caminhar de Winnicott. Respeitando a “clareza lunar” de Winnicott, o objeto é revisto desde a dependência absoluta à dependência relativa, rumo à independência nunca completa. Finalmente, são feitas considerações sobre objeto subjetivamente concebido, a destruição em fantasia do objeto, objeto e fenômenos transicionais, objeto objetivamente percebido.

Palavras-chave: Objeto. Objeto transicional. Fenômenos transicionais. Criatividade.

Abstract: *The text is about the place of the object in the work of Winnicott, but goes beyond that. Employing the etymologic study, as in a kaleidoscope the words draw the concept in different ways and we can accompany it throughout the history of psychoanalysis, and more specifically in Winnicott's path. Respecting Winnicott's "lunar clarity", the object is revised from the absolute dependence, to the relative dependence, and towards the, never complete, independence. Finally, considerations are made on the subjectively conceived object, the destruction of the object in fantasy, object and transitional phenomena, and objectively perceived object.*

Key words: *Object. Transitional object. Transitional phenomena. Creativity.*

^{*} Psicanalista, membro efetivo do CPRJ.

Nós temos um grupo que conversa com Winnicott desde 1982. É uma experiência muito agradável. Seus textos, suas ideias, fazem parte do *Círculo* desde a nossa fundação. Chegamos até a escrever para Claire Winnicott, viúva dele, e ela nos ajudou a pôr os pés no chão. Nós estávamos tentando fazer a tradução das obras completas de Winnicott e quando ela disse que eram mais de 200 trabalhos, muito carinhosamente, a gente pôde desistir. Nós convivemos dentro e fora do *Círculo* com estudiosos de Winnicott. Todos aceitamos o desafio de Winnicott, que é, segundo suas palavras: “o que vocês vão encontrar de mim tem que garimpar no caos”. E ele não se preocupou muito em organizar o nosso entendimento. Ele fez as tentativas que pôde fazer.

Winnicott esteve e está na vanguarda de seu tempo. Participativo.... Não sei se vocês sabem, mas ele escreveu para o ministro Chamberlain, por volta de 1938, que estava relutando entre declarar ou não guerra à Alemanha e Winnicott (1990) escreveu perguntando para que ficar perdendo tempo com uma coisa assim?

Ele também escreveu para o Benjamin Spock (1938), autor de um livro sobre cuidados infantis. O livro foi editado nos anos quarenta ou sessenta e influenciou uma geração de mães na década de 40 e 50, e, algumas vezes, ele até era acusado de ter sido o responsável pela permissividade, que a partir de então se adotou. O Spock queria que houvesse mais carinho na relação, mais paciência com as crianças.

Winnicott escreveu também para Melanie Klein, com quem ele fez supervisão durante cinco anos. Ele a chama de *Dear Klein*. Mas, para a ex-analista dele, mantém certa distância chamando-a *Dear Mrs. Riviere*.

Mas, nosso tema é O lugar do objeto em Winnicott. O lugar do objeto em Winnicott. Como sempre, eu recorro à etimologia, para ver o inconsciente da palavra. Objeto vem de *ob*, que é diante de, contra e *jicere*, que é lançar, lançado adiante. Isso é o objeto. Que remete ao sujeito, que vem de *sub*, *jicere*, lançar. Fazer obedecer. Daí, assujeitado. Em inglês, a palavra tem sentido de sujeito e sentido de assunto e eu fico sempre pensando qual significado estava sendo privilegiado, para poder acompanhar o contexto.

Procurei também a etimologia da palavra lugar, que vem de *locus*, que dá locação também. A definição do dicionário é de um ponto em que existe essa ou aquela coisa. Não é uma referência física, mas uma referência à existência.

Há vários usos da palavra objeto em psicanálise. Para uma breve recapitulação do termo existe um objeto total, em geral uma pessoa, um objeto parcial que diz respeito a uma parte ou aspecto, o objeto externo que é uma percepção,

o objeto interno que é “uma estrutura endopsíquica formada a partir dos processos de internalização”. Todos eles são operativos e se configuram de acordo com as circunstâncias psicodinâmicas individuais. Klein se refere aos objetos como forças. É uma verdadeira assembleia de objetos internos semelhantes. Os objetos primários seriam aqueles frutos das identificações com mãe e pai, da dinâmica da relação.

Eu vou recapitular uma terminologia. Para ilustrar a dificuldade de se escolher dentro da riqueza da obra de Winnicott esse tema, vou citar algumas de suas frases: em princípio não existe o bebê; existe o par; o princípio é a soma dos princípios; a primeira mamada teórica é a soma das mamadas; nós somos o animal dependente; desenvolvimento é a tentativa de se tornar isolado sem ser insulado. Winnicott fazia um jogo de palavras interessante que nos ajuda a pensar nas possíveis variações de cada situação. Nos processos de maturação em curso, mais o ambiente facilitador. Da dependência absoluta à independência relativa, rumo à independência nunca completa. Objeto subjetivamente concebido e objeto objetivamente percebido. Momentos de ilusão. A necessidade de ilusão e desilusão como forma de crescimento. Elaboração imaginativa das funções que é uma coisa muito interessante de se levar em consideração. Por exemplo, quando o bebê está ardendo com alguma dor ou algum mal-estar, o que acontece com a mente dele? Podemos brincar só com essa fase: elaboração imaginativa. A Klein pensou em termos de concretude. O Lacan chamou Klein de “açougueira genial”.

A fantasia inconsciente tem a ver com isso também. Ele não leva a fantasia inconsciente ao exagero que Klein levou. Klein chegou a dizer que talvez o único gesto que não vai ser acompanhado pela fantasia inconsciente – que é a expressão mental das pulsões – é o reflexo. Quando você bate no joelho e ele vai para frente, não tem fantasia inconsciente sobre isso.

A destruição, em fantasia, dos objetos. “Eu me dou conta de que é esta ideia, de um impulso inicial destrutivo que é difícil *grasp*. É isso que precisa de atenção e instrução. Ajudar meu desejo, sublinhar que estou me referindo a tais coisas como *eagerness*, voracidade” (WINNICOTT, 1968). Um bebê quando vai para um peito com fome... não é outra coisa senão isso. Então ele está se referindo a essa *eagerness*. “Eu preciso incluir coisas como a expiração, inspiração, experiências sensoriais, tais como a extrema sensibilidade sensorial que pertence aos minutos imediatamente seguindo o nascimento” porque o nascimento é uma experiência e características especiais de cheiro, fenômenos que são, intoleravelmente, reais ou, talvez, quase intolerável para o bebê. Mesmo

sob condições boas o bastante de *holding* e *handling*. Aqui, cada um de nós deve admitir obscuridade. Eu gosto de Winnicott. Ele não tem pretensão de dizer “não eu sei o que que é”. Ele fala de obscuridade. Ele diz, bastante claro. Quando ele fala da compreensão de algumas coisas ele fala de “clareza lunar”. Nada de clareza meridiana para a compreensão de alguma coisa.

Então, aqui nós devemos nos permitir a obscuridade com um valor que é superior à clareza falsa. Depois desse comentário sobre destruição em fantasia, eu destacaria mais próximo ao nosso tema os objetos e fenômenos transicionais.

Fenômenos transicionais... O assunto é complexo. O que a criança leva para cama para ajudar na transição da vigília para a vida de sonho? Vestido velho da mãe, lenço, cobertor, boneca, ursinho, livro, um pedaço do tal vestido velho ou, se não houver o objeto, o punho, o dedo, ou uma atividade genital, ou faz movimentos rítmicos ou a presença de um adulto é indispensável. Dentre todos, talvez um, suave ao toque, ali pelos 10 a 12 meses, um é escolhido e que a criança trata de um modo todo particular. Ele pode ser amoroso, pode ser violento. Não pode ser perdido, lavado ou dado. A primeira possessão do bebê. Sua existência ajuda a criança a experimentar a dificuldade em relacionar realidade subjetiva à realidade que pode ser percebida objetivamente. Da vigília ao sono, a criança salta de um mundo percebido a um mundo autocriado. Entre eles há uma necessidade de toda espécie de fenômenos transicionais. É um território neutro. É parte do mundo e não é só criado pelo bebê. É as duas coisas. Aliás, Winnicott falava que a verdade se transmite através de fábulas e paradoxos e não com aquela clareza que a gente espera que haja.

A sobrevivência do objeto. O que é essa sobrevivência? É quando o objeto é atacado e não retalia. Essa criação da externalidade “*not me*”, é outro termo importante para Winnicott. A entrada no mundo dos objetos. A escolha de uma primeira possessão que representa a junção do mundo externo com o interno e que representa a junção com a mãe. O polegar sugado pode representar o controle do objeto – ele não vai embora e a criança vai utilizar isso para o controle.

Sobre sua teoria da criatividade Winnicott recebeu críticas, uma delas, dizendo que Winnicott estava prometendo um tesouro criativo dentro de si mesmo. Winnicott não se incomodou muito com isso, dizendo que não era isso o que ele dizia. Ele retrucou dizendo “olha, às vezes pode haver tanta criatividade num fritar um ovo como Schumann tinha quando criava uma sonata”. (WINNICOTT, 1975). Ele parece estar desrespeitando um talento musical, mas não, ele está falando daquilo que está ao alcance de todos nós.

Outro conceito que merece um estudo é a expressão *id relatedness* que ele utiliza. É interessante, é a relacionabilidade através do ego e a mesma através do id. Então, eu imaginei que uma vivência amorosa ideal seria movida por *id relatedness* num clima de *ego relatedness*.

Winnicott (2000) separou um nome para uma classe de objetos e publicou um artigo com o nome de “*Objetos e Fenômenos Transicionais*” (1951). Colocou os termos da normalidade, admitindo também que possa haver anormalidades nas técnicas transicionais. Usa a expressão *objeto transicional* e *objeto regressivo*, só que a última ele não usou com frequência. Uma pessoa pode perguntar: é o mesmo? É. Só que uma pessoa pode ficar tão apegada a um mesmo objeto transicional/regressivo que a pessoa não vai conseguir sair dessa situação. Seria uma *posição regredida*.

No início, quando ainda não há o bebê, há o *par nutritivo, nursing couple*. Por isso, o estado emocional da mãe sempre deve ser levado em conta. Ela pode estar ansiosa, depressiva, preocupada, aborrecida, despersonalizada. Se ela estiver doente o suficiente – *ill enough* – o bebê sofrerá distorções e terá dificuldades de organizar defesas. É menos difícil para o bebê lidar com um padrão adverso estável, uma vez que ele consiga familiaridade.

Voltando à etimologia. Transicional. Vem de *tras* que é além. Essa palavra teria uma origem em sânscrito. A alternativa a *trans* é *cis*. Cisjordânia: aquém do rio Jordão. No caso, objeto transicional vem de *tras* que é além. *Locus*, lá atrás, a gente viu. Local, locação...

Para entendermos melhor poderia falar do livro *A utopia* de Thomas Morus. Ele escreveu esse livro em 1516. Ele se refere à um lugar perfeito, uma ilha, com o governo eficiente correto, leis, política etc. A etimologia da palavra dá vários significados para ectopia, distopia, atopia e também utopia. A utopia, etimologicamente, vem de *u* e *topos*, lugar. Então a utopia, através do paradoxo que a etimologia nos dá, é um não-lugar. E é aí que está um objeto transicional, mas é lugar porque está afirmado que é lugar. É uma função dentro de um processo. Entre o interno e o externo, na função, acontecem os fenômenos transicionais. Através de um não-lugar, vai-se além. A tarefa desse lugar é potencial: *cannot exist*, ele não pode existir. (WINNICOTT, 1971). Esse espaço entre bebê e mãe, entre criança e família, entre indivíduo e sociedade, depende das experiências que levam à confiança. Aí se experimenta a vida criativa. É importante que o analista reconheça a experiência desse lugar único, onde brincar possa começar. Que está no momento de continuidade e contiguidade de onde os fenômenos transicionais se originam. A utopia não tem de ser alie-

nante. Ela pode ser criadora. O lugar do objeto transicional é um não-lugar em trânsito, que quando o processo de tornar-se é bem sucedido, deixa como herança o espaço potencial de criador da cultura. Winnicott (1949) nos diz: “eu penso que a melhor coisa de aprendermos observando um bebê, foi isso: nós vimos, pelo que aconteceu, que ele não é só um corpo: ele é uma pessoa.”

Edson Lannes

melan@domain.com.br

Referências

WINNICOTT, D.W. O bebê como pessoa. In: _____. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. O lugar em que vivemos. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. Objetos e fenômenos transicionais. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, C. Comentários sobre meu artigo: O uso de um objeto. In: _____. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p.185-186.

_____. *O gesto espontâneo: cartas selecionadas de Winnicott*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.